

# Reflexões sobre a diaconia à luz da mordomia cristã

Carlos G. Bock

## 1 — Introdução

O presente ensaio surgiu a partir do interesse em aprofundar algumas leituras sobre a “teologia da diaconia”. Ao buscar a bibliografia mais específica sobre o tema, me deparei com a limitada oferta de obras em português. O recurso, no meu caso, foi buscar auxílio na língua inglesa. Na literatura inglesa, porém, verifiquei que um conceito mais presente que “diaconia” e “diaconal” é o de “mordomo” (*steward*) e “mordomia” (*stewardship*). Houve, num primeiro momento, a intuição de que estes dois conceitos são complementares e podem iluminar-se mutuamente. Ao longo das leituras, procurei traçar alguns pontos de encontro, bem como distinções, entre esses dois conceitos. O resultado deste exercício pode ser acompanhado nas páginas a seguir.

## 2 — Diaconia

### 2.1 — Definição

*Diakonia* é uma palavra de origem grega que significa “serviço”. Originalmente é uma palavra sem conotações religiosas que descreve o trabalho de escravos e pessoas humildes. No Novo Testamento passa a ter um significado teológico quando Jesus é descrito como aquele que veio “para servir (*diakonein*) e dar sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). Também o apóstolo Paulo fala do seu ministério como *diakonia*.

Muito cedo na vida da Igreja passou a haver uma certa divisão de tarefas entre os cristãos. Desta forma alguns foram designados para a função de *diákonos* e foram incumbidos da tarefa mais específica de zelar pelo bem-estar físico dos seus companheiros cristãos, principalmente dos mais necessitados (At 6). Passado mais algum tempo, com o processo de institucionalização da Igreja, os *diákonoi* foram oficializados como um dos três ministérios da Igreja, junto com os *presbyteroi* e os *epískopoi*.

A diaconia, contudo, não é apenas tradição fixa do passado; é desafio

permanente para a vida da Igreja no presente. A Igreja é constantemente desafiada a dar conteúdo novo à prática cristã do passado. Esta é uma das tarefas da reflexão teológica: buscar traduzir para o presente a riqueza de conteúdos do passado.

## **2.2 — Motivação**

A diaconia recebe, no presente, a sua motivação a partir de três diferentes impulsos:

a) A realidade social: vivemos em uma sociedade onde a miséria e a desigualdade social são sobremaneira marcantes. A realidade de desigualdade é constitutiva de nosso país e está profundamente arraigada. A transformação dessa realidade é bastante complexa e exige ações imediatas e a longo prazo. Exige, sobretudo, o compromisso de se trabalhar por uma democracia política sólida, com promoção humana e econômica da grande maioria excluída.

b) A fé cristã: a fé cristã proclama o amor de Deus por todos os seres humanos. O conhecimento desse amor tem implicações para a vida humana, tanto do ponto de vista subjetivo quanto social. Do ponto de vista subjetivo é marco fundamental de nova dignidade e identidade. Do ponto de vista social questiona as realidades de injustiça e que provocam o sofrimento e a morte. A diaconia é a forma de demonstrar, na realidade concreta das pessoas, o amor de Deus. É a forma de testemunhar o desejo de Deus de salvação integral (corpo e espírito).

c) A prática diaconal: a mensagem cristã, desde os primórdios, enfatiza a fé que se manifesta no amor. Este amor, ao longo da história, também foi atualizado por meio de práticas diaconais. Os cristãos de hoje, portanto, têm uma longa herança e tradição que os precedem. A prática dos cristãos de hoje responde aos desafios do tempo presente e aos impulsos do testemunho bíblico e da tradição cristã. Em termos de diaconia, isso significa que devemos aprender também das práticas do passado.

## **2.3 — Atualização e alcance**

Atualmente a prática diaconal se expressa sob dois modelos: a diaconia social ou comunitária e a diaconia institucional. A primeira, como seu nome já indica, procura responder aos desafios da miséria e do sofrimento humano, presentes sob as mais variadas formas na vida social. Por meio da diaconia social procura-se não só demonstrar misericórdia aos excluídos, mas também transformar as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais que estão na base de um modelo de sociedade excludente. Independentemente do público envolvido ou da área de trabalho, a diaconia social procura ajudar esse público a compreender e participar das políticas públicas, com vistas a possibilitar-lhe acesso e participação nas instâncias de decisão e poder. A diaconia social tem como sua meta a

promoção e autonomia do público com o qual trabalha. Este é, em geral, um trabalho a longo prazo.

A diaconia institucional, por sua vez, privilegia a atuação em instituições. Instituições diaconais, sociais ou caritativas são criadas com a finalidade de oferecer mais dignidade e qualidade de vida a pessoas que precisam do cuidado, temporário ou permanente, de outros. Exemplos deste tipo de diaconia são os lares de idosos, creches e albergues. A característica da diaconia institucional é que ela tem como tarefa primordial solucionar o problema imediato do público ao qual atende. Isto não exclui, evidentemente, que se possam planejar ações a médio e longo prazos. Também não exclui a possibilidade de ter um alcance social mais amplo, mesmo que sua ação esteja limitada a um público restrito.

Pode-se dizer que toda prática diaconal tem uma dimensão preventiva e outra curativa. Uma se ocupa mais em tratar os sintomas manifestos de sofrimento e dor, enquanto que a outra pretende identificar e combater as causas desse sofrimento. Embora sejam dimensões distintas, não podem ser completamente separadas, sob risco de se incorrer em uma leitura unilateral da realidade.

A diaconia busca nas ciências sociais (p. ex.: assistência social, sociologia, psicologia, antropologia) e na teologia instrumentais teóricos para a sua atuação. No diálogo permanente entre prática e teoria há uma mútua fecundação. A prática divorciada da teoria pode incorrer em um ativismo desprovido de conteúdo. A teoria descolada da prática, por sua vez, pode levar a um academicismo descomprometido com a realidade social.

Uma das tarefas da diaconia é a análise comprometida da realidade. O uso de algumas tipologias na diaconia deve ser entendido neste contexto. Por meio delas se procura ajudar o intérprete a compreender a complexa diversidade de práticas diaconais. Procura-se também ajudar a qualificar essas práticas. Não se podem, porém, entender os modelos de forma estanque. Eles, na verdade, não existem de forma pura. Embora apresentem determinadas características predominantes, eles também se interpenetram e se influenciam mutuamente. Nenhum modelo consegue apreender a realidade toda, até porque ela é dinâmica. É por isso que existem diferentes formas de responder à realidade e de procurar organizá-la conceitualmente. Alguns dos tipos ou modelos de diaconia são os seguintes:

**Diaconia profética:** à semelhança dos profetas bíblicos, a diaconia profética denuncia o pecado social e as estruturas que o sustentam;

**Diaconia libertadora:** a diaconia cristã propõe que a liberdade ou libertação deve ser buscada com um enfoque comunitário. A liberdade cristã conduz ao compromisso com a vida, especialmente daqueles mais necessitados;

**Diaconia ecumênica:** a ação diaconal vê o ser humano como filho/a de Deus, independentemente de credo, cor, raça, gênero, condição social, econômica, etc.;

**Diaconia ecológica:** a diaconia cristã considera a interdependência de toda a

criação e a necessidade de zelar por todas as coisas criadas e não somente pela vida humana;

Diaconia transformadora: a teologia cristã busca intrinsecamente a transformação do presente à luz da experiência do passado e da promessa do futuro. Essa transformação deve apontar progressivamente, tanto subjetiva quanto coletivamente, para uma maior presença do reino de Deus.

### 3 — Mordomia (*stewardship*)

*Stewardship* é um conceito muito usado no meio eclesial e teológico de fala inglesa. No português, a tradução muitas vezes usada para este conceito é “mordomia”. A tradução no português não tem, contudo, o mesmo impacto que a expressão inglesa, possivelmente porque o conceito retrata uma realidade cultural que não é facilmente traduzível. Dois conceitos comumente a ele associados são “gerenciamento” e “administração”. *Stewardship* deriva seu sentido do termo grego *oikonomia*, que deu origem à nossa palavra “economia”.

Tradicionalmente o conceito *stewardship* recebeu um forte impulso nas igrejas norte-americanas. Estas adotaram um sistema administrativo muito diferenciado do sistema eclesial dos países europeus. Em alguns destes existe um forte vínculo entre a Igreja e o Estado. Neste modelo, o Estado arrecada e administra os recursos da população. Até aí não há nenhuma diferença. A diferença está em que o Estado arrecada inclusive o chamado imposto eclesial, que posteriormente é repassado para as igrejas, tanto sob a forma de salários para os seus profissionais quanto para o trabalho diaconal que é por elas administrado.

Nos Estados Unidos, em oposição a esse modelo eclesial estatal, as igrejas são independentes, ou seja, há completa autonomia entre Igreja e Estado (ao menos administrativamente). Isto, desde o início, forçou as igrejas norte-americanas a buscarem sua subsistência junto a seus membros. A arrecadação de recursos, por via de regra, ocupou um espaço de destaque nas igrejas norte-americanas. Foi neste contexto que se desenvolveu o conceito *stewardship*. A afirmação deste conceito, no meio eclesial, cresceu por força de sua associação com diferentes metáforas bíblicas, que lhe conferiram um sentido teológico e lhe dão sustentação.

O fato positivo do desenvolvimento histórico desse conceito e prática é que as igrejas alcançaram sua autonomia administrativa. O fato negativo é que, por via de regra, se restringiu na prática a sua compreensão a questões administrativas e patrimoniais, ou seja, tornou-se um meio para a Igreja desempenhar sua tarefa nobre: a missão. Tal restrição enfraquece a possibilidade de esta metáfora ocupar um lugar mais central na vida da Igreja.

Há, contudo, um esforço teológico no sentido de ampliar a compreensão do conceito *stewardship* para além do sentido técnico-financeiro (gerencial e adminis-

trativo) e eclesiocêntrico. Esta nova compreensão procura enfatizar a responsabilidade da Igreja pelo bem-estar de toda a criação e pelo mundo habitado (*oikoumene*). Para alcançar essa compreensão, há que se superar a permanente ambigüidade cristã em relação a este mundo, que de um lado afirma o amor de Deus pelo mundo e de outro revela um descompromisso ou domínio destrutivo em relação ao mesmo. O desafio é estender o conceito *stewardship* para dentro do mundo. Assim entendido, ele poderia assumir a função de metáfora cristã de forma mais significativa no momento atual, ou seja, teria a função de explicar o sentido de ser cristão no fragmentado mundo de hoje.

O cristão definido como *steward* assume uma atitude responsável perante o mundo, nos mais diferentes níveis. Hall descreve alguns destes aspectos do cristão que assume a postura de *steward*:

Globalização: como *stewards* os cristãos são responsáveis pelo globo (mundo habitado);

Comunalização: como *stewards* os cristãos são juntos responsáveis pelo globo (*koinonia*);

Ecologização: como *stewards* os cristãos são responsáveis por toda a criação;

Politização: como *stewards* os cristãos defendem formas políticas justas e misericordiosas de se organizar as sociedades;

Futurização: como *stewards* os cristãos estão comprometidos não somente com a situação imediata, mas também com o futuro próximo e distante.

A possibilidade de o cristianismo efetivamente contribuir para o debate das grandes questões que afligem a humanidade (p. ex.: questões de justiça, paz e o uso apropriado da natureza) passa, sem dúvida, por uma espiritualidade encarnada efetivamente assumida. O aprofundamento na compreensão dessa metáfora, que equipara o cristão de hoje a um *steward*, pode ajudar nesta imensa tarefa.

#### 4 — A diaconia na IECLB: questões para aprofundar

O modelo de diaconia, como o conhecemos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), tem sua origem na Alemanha, por estar lá a origem da própria Igreja. Nas últimas décadas, a IECLB vem passando por um forte processo de nacionalização. Isto não significa o rompimento com seus elos históricos e com sua identidade primeira, mas representa o desafio de redefinir essa identidade a partir do lugar onde se vive e das pessoas às quais se procura responder.

A teologia latino-americana, nas últimas décadas, tem justamente tentado fazer uma reflexão metodológica e teológica para melhor auxiliar as igrejas cristãs do continente na sua missão. Com relação à teologia diaconal, a IECLB se

encontra entre sua tradição, que a mantém vinculada ao modelo alemão, e a reflexão teológica latino-americana, que trouxe novas contribuições metodológicas, conceituais e práticas.

Apesar de significativos avanços na práxis, não se conseguiu, contudo, romper com a dependência financeira da Alemanha. É verdade que os tempos hoje são outros. O dinheiro que costumava vir em maior quantidade e frequência, hoje está mais escasso. Isto tem forçado a Igreja como um todo, e as comunidades em particular, a buscar com muito mais empenho e criatividade o seu auto-sustento. Isto acontece, não sem sacrifícios. Com esforço consegue-se manter o trabalho essencial da Igreja, sua razão de ser: a pregação da palavra e a administração dos sacramentos.

O que dizer, porém, do trabalho diaconal da IECLB? Embora muitas iniciativas sejam assumidas e mantidas pelas comunidades, ainda existe relativa dependência de recursos do exterior, principalmente da Alemanha. Aqui reside um grande desafio para a Igreja. Nos últimos anos, a prática diaconal da IECLB extrapolou seus muros eclesiais e pisou também no solo árido da terra brasileira. Mas boa parte desse trabalho foi mantido com recursos do exterior. O que será desse trabalho diaconal se os recursos de fora cessarem?

O grande desafio do trabalho diaconal da IECLB é conseguir atingir o coração e o bolso dos seus membros e simpatizantes. Atingir o coração para que se convertam a uma proposta diaconal que é preferencialmente identificada com os mais empobrecidos da sociedade, tanto aqueles que estão dentro da Igreja quanto aqueles que estão fora. Atingir o bolso, porque não haverá trabalho diaconal se não houver quem o mantenha financeiramente.

Como já mencionado anteriormente, a IECLB, em boa medida, herdou conceitos e práticas do modelo diaconal alemão. Só não herdou o Estado alemão. E isto faz toda a diferença. O modelo diaconal alemão recebe recursos do Estado, que por sua vez os arrecada mediante o imposto eclesial. Neste modelo há um casamento entre a Igreja e o Estado: o Estado se ocupa da *oikonomia* e a Igreja da *diakonia*. Este modelo, naturalmente, não se aplica ao Brasil.

Também o modelo norte-americano se diferencia da nossa experiência. Lá a Igreja se encontra divorciada do Estado. Neste modelo, cada qual administra sua própria *oikonomia* e sua *diakonia*. A ênfase das igrejas norte-americanas tem recaído mais sobre a *oikonomia* que sobre a *diakonia*. E o que dizer da nossa experiência brasileira e latino-americana? Do ponto de vista das igrejas históricas, tanto a *oikonomia* quanto a *diakonia* estiveram fortemente dependentes de suas igrejas e países de origem. Mais recentemente tem havido uma transição, no sentido de uma maior autonomia, na *oikonomia* dessas igrejas. Do ponto de vista da *diakonia* essa autonomia ainda necessita ser conquistada.

A teologia latino-americana tem procurado trabalhar esses dois conceitos de forma interligada. A partir do nosso contexto é importante ter isto claro, pois

quando se fala de *oikonomia*, na perspectiva do reino de Deus, trata-se do serviço de construção de uma nova ordem social e econômica, onde haja mais justiça e fraternidade. Também nesta perspectiva é que deve ser entendida a diaconia social.

Em meio à atual *oikonomia*, causadora de miséria e exclusão, se manifesta a outra dimensão da diaconia, ou seja, o acolhimento, a misericórdia, a compaixão para com aqueles que foram excluídos da vida no “condômino”. Nesta perspectiva, a diaconia é o serviço da impotência, que não resolve a causa dos problemas, mas oferece um sinal visível da presença de Deus em meio a tanto sinal de morte.

A diaconia no Brasil, portanto, deve ir se construindo nessa tensão entre o estrutural e o imediato, entre a luta para colocar o poder a serviço do povo (*oikonomia*) e demonstrações concretas de misericórdia para com aqueles que sofrem as conseqüências do seu abandono (*diakonia*).

O desafio para a IECLB, neste momento, é duplo:

— manter-se fiel ao anúncio e à prática do evangelho, tanto na perspectiva da *oikonomia* quanto da *diakonia*, ou seja, na defesa de uma sociedade mais justa e fraterna e no trabalho concreto de amparo às pessoas que sofrem exclusão;

— constituir-se como Igreja autônoma financeiramente, que consiga envolver seus membros na experiência de uma vida comunitária mais participativa e solidária, e que descubra seu profundo compromisso com a criação de Deus.

Para isso, há que se investir fortemente no desenvolvimento de uma teologia diaconal. Pessoas motivadas para a missão de Deus no mundo certamente são mais suscetíveis a investirem seu dinheiro, pois isto será compreendido como um sinal do seu compromisso cristão.

### Bibliografia consultada

1. NORDSTOKKE, Kjell (Org.). *Diaconia: fé em ação*. 2. ed. São Leopoldo : Sinodal, 1996. 87 p.
2. KANTONEN, T. A. *A teologia da mordomia cristã*. São Paulo : Luterana, 1965. 174 p.
3. HALL, Douglas John. *The Steward: A Biblical Symbol Come of Age*. Grand Rapids : Eerdmans; New York : Friendship, 1990. 258 p.
4. *Stewardship — Our Accountability to God*. Geneva : Lutheran World Federation, 1994. 86 p. (LWF Documentation, 34).

Carlos G. Bock  
Rua Senhor dos Passos, 202 — 6º andar  
90020-180 Porto Alegre — RS